

## ENTRE LEMBRAR E ESQUECER: A AMIZADE EM “DESARTICULACIONES”, DE SYLVIA MOLLOY

Renata Cristina Pereira Raulino  
USP

### RESUMO

Atualmente, o exercício da memória é intenso. Por isso, há produções artístico-literárias que refletem sobre as falhas e perdas da memória, como as causadas pelo Alzheimer, sendo uma delas *Desarticulaciones* (2010), de Sylvia Molloy. Neste livro, a narradora escreve suas visitas à ML., amiga que está com Alzheimer. Em vista disso, proponho uma leitura dos efeitos do esquecimento causados por essa doença em *Desarticulaciones*, especialmente os que incidem sobre a amizade entre as duas protagonistas. O compartilhamento de restos de lembranças que sobrevivem no presente da escritura é o que possibilita a continuação da amizade entre ML. e a narradora, o que as faz seguir co-existindo, mesmo que sob ameaça de uma dissolução total. Concluimos que a voz narrativa constrói a amiga doente e a si mesma como seres interdependentes que se transformam e se constroem nessa relação de amizade.

**Palavras-chave:** Memória, Esquecimento, Amizade, *Desarticulaciones*, Sylvia Molloy

Na minha pesquisa de doutorado, investigo como narradores e sujeitos poéticos escrevem a deterioração das relações com personagens doentes de Alzheimer em cinco textos literários latino-americanos contemporâneos. Um desses textos é *Desarticulaciones*, de Sylvia Molloy. Neste livro, a narradora relata em fragmentos as visitas que faz à ML., ex-amante, atual amiga e enferma de Alzheimer, quem vai apagando as lembranças que compartilha com a narradora.

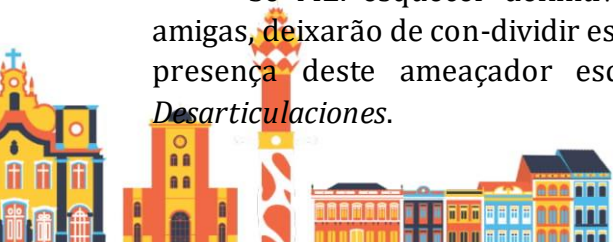
Em uma entrevista a Mauro Libertella para o jornal *Clarín*, Molloy nega que o relato de *Desarticulaciones* evolui em linha reta. Cito: “[No] [...] quise registrar el progreso de esa desarticulación, no se trata del itinerario de un derrumbe sino de un ir y venir (hoy se acuerda de cómo leer, ayer no se acordaba, hoy sabe su nombre, mañana no lo sabrá)” (MOLLOY, 2010).

A narradora reflete sobre os movimentos da memória da amiga, que oscila entre lembrar e esquecer. No entanto, a ênfase está nos efeitos do esquecimento porque é a sua intensidade e a sua constância que produz um evidente vaivém. A narradora escreve as fissuras de um passado, reforçando o que está se ausentando.

A voz narrativa se concentra especialmente no modo como o esquecimento de ML. fragiliza a sua amizade com ela. Isto se dá porque a narradora textualiza este laço como um compartilhamento da própria existência, ideia de amizade semelhante à de Giorgio Agamben (2009) em “O amigo”. De acordo com o filósofo:

Os amigos não con-dividem algo (um nascimento, uma lei, um lugar, um gosto): eles são con-divididos pela experiência da amizade. A amizade é a condisão que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida (p. 92).

Se ML. esquecer definitivamente da narradora, as duas deixarão de existir como amigas, deixarão de con-dividir essa existência. E a voz narrativa nos relata a proximidade e a presença deste ameaçador esquecimento na memória da amiga nos fragmentos de *Desarticulaciones*.



Antes de ler e analisar alguns trechos do livro, destaco como a narradora escreve a maioria dos nomes próprios. Por *Desarticulaciones* ter um caráter autobiográfico, o uso de iniciais é um recurso que preserva a identidade de ML. e seu círculo social. Além do mais, esse procedimento ganha outro sentido em um livro que tem em seu centro a escrita dos efeitos da perda da memória de uma amiga. Ao escrever ML., a narradora materializa a perda parcial do nome próprio porque a memória oscila entre lembrar e esquecer, ainda que a voz narrativa enfatize o que se perde. As pessoas que compõem a rede social a que ML. ainda pertence também são nomeadas por suas iniciais do primeiro nome, inclusive a narradora, que é S. Portanto, este procedimento também mostra a expressão da incapacidade de um doente de Alzheimer reconhecer completamente as pessoas de sua família ou amigos.

Pedaços de um passado de um cotidiano e de uma linguagem estão perdidos pois a narradora compartilhava os seus significados anteriormente com a amiga, agora com uma memória dominada pelo esquecimento. No fragmento intitulado “De la propiedad en el lenguaje”, relata:

*Ayer descubrí que me había vuelto aún menos yo para ella. La llamé y a pesar de que L. le pasó el teléfono diciéndole quién llamaba me habló de tú - de tú y no de vos - durante la conversación. Fue una conversación cordial y eminentemente correcta en un español que jamás habíamos hablado. Sentí que había perdido algo más de lo que quedaba de mí (MOLLOY, 2010, p. 37, grifo meu).*

O “voseo” é uma forma de tratamento informal de segunda pessoa presente em alguns países hispanofalantes, inclusive na Argentina, país de origem das amigas que vivem em Nova York há muitos anos no presente de *Desarticulaciones*. Acima, o “tuteo” parece indicar que ML. desconhece a amiga e, ao mesmo tempo, a estrangeiriza, a expulsando de um espaço-tempo argentino que parece sobreviver somente na memória compartilhada das duas. Portanto, a própria existência da narradora como amiga se perde quando ML. a desconhece, ainda que provisoriamente.

Assim como ML. parece às vezes desconhecer a narradora, esta desconhece e reconhece a amiga. Por exemplo, ML. já não pode mais escrever com a narradora porque perdeu sua capacidade de escrever e de ler textos longos ou se lembrar de um mal-estar que lhe acometeu. Entretanto, não perdeu sua capacidade de traduzir:

Como la retórica, la facultad de traducir no se pierde, por lo menos hasta el final. Lo comprobé una vez más, al hablar con L.. Le pregunté si el médico estaba al tanto de que ML. habría sufrido un mareo y me dijo que sí. Por curiosidad le pregunté cómo le había transmitido la información, ya que L. no habla inglés. Me lo tradujo ML., me dijo. Es decir, ML. es incapaz de decir que ella misma ha sufrido un mareo, o sea, es incapaz de recordar que sufrió un mareo, pero es capaz de traducir al inglés el mensaje que L. dice que ella, ML., ha sufrido un mareo. Es como lograr una momentánea identidad, una momentánea existencia, en ese discurso transmitido eficazmente. Por un instante, en esa traducción, ML. es (MOLLOY, 2010, p. 18, grifo da autora).

Neste fragmento, intitulado “Traducción”, a momentânea existência da amiga que ainda não perdeu sua capacidade de traduzir demonstra que, desde o ponto de vista da narradora, a doença não transforma ML. em uma pessoa completamente irreconhecível, mas em alguém instável e, por isso, imprevisível. Por isso, além de aproximar a construção desta amizade à maneira que Agamben a pensa, aproximo o que penso sobre a co-existência das duas amigas de *Desarticulaciones* da maneira que Maurice Blanchot (1976) reflete sobre essa



relação em “La amistad”. Neste ensaio, o filósofo enfatiza que a amizade é reconhecer a estranheza subjetiva que não possibilita falar *dos* amigos, mas somente falar *com* eles. Por isso, Blanchot conclui que a amizade pressupõe a renúncia a conhecer os amigos, é uma relação entre seres estranhos, que se desconhecem.

Reforço que esta impossibilidade de falar dos amigos não tem qualquer motivação moral nem em Blanchot nem em *Desarticulaciones*. Nada pode ser dito do amigo porque este é um sujeito inapreensível e incompreensível.

Não obstante, a narradora resiste a essas cenas momentâneas de desconhecimento escrevendo o que resta de uma relação em um texto dominado pelo esquecimento. Por exemplo, no fragmento “Ser y estar”, a voz narrativa levanta as possibilidades de expressar a instabilidade do laço afetivo com ML., na maneira em que ML. a chama pelo seu sobrenome:

Hoy la llamé como lo hago todas las noches, para ver cómo había pasado el día, y como todas las noches respondió: “Sin novedad”. Pero hoy sí hubo novedad: cuando L. le pasó el tubo diciéndole “te llama S.”, atendió y me dijo “cómo te va, Molloy”. *Todavía, en algún recoveco de su mente, no soy ausente: estoy* (MOLLOY, 2010, p. 58, grifo meu).

A amiga que a desconheceu e a tratou como uma estrangeira ao tratar a narradora de “tú” e não de “vos” no fragmento anterior, neste fragmento a chama pelo sobrenome inteiro, sem abreviações, “Molloy”. Portanto, a narradora não é ausente, *está* algumas vezes presente e *está* algumas vezes ausente na memória instável de ML..

A que narra também está atenta às ruínas da linguagem que ainda sobrevivem na amizade das duas porque é por meio desta língua arruinada que as amigas continuam a compartilhar no presente fragmentos de um tempo e de um lugar compartilhados, o que se materializa na escrita em fragmentos.

Enquanto escreve, a narradora não se esquece de quem está se esquecendo de si mesma e da relação das duas. A comunicação falha e se encurta, mas sobrevive através da escrita. Na dedicatória de *Desarticulaciones*, diz:

*Para ML., que todavía está.*

*Tengo que escribir estos textos mientras ella está viva, mientras no haya muerte o clausura, para tratar de entender este estar/no estar de una persona que se desarticula ante mis ojos* (MOLLOY, 2013, p. 8-9, itálico da autora).

Escreve para si e escreve com urgência para a amiga que ainda está.

A escrita de *Desarticulaciones* parece se interromper logo depois que a narradora deixa de se surpreender com o que ela chama de retórica da doença, em que o extra-ordinário se torna ordinário, comum, repetitivo. Os restos de lembranças compartilhadas que sobrevivem no presente da escrita é o que faz continuar a amizade entre ML. e a narradora, o que as faz continuar co-existindo. Entretanto, em *Desarticulaciones*, a amizade entre ML. e a narradora se interrompe na escrita, porque a narradora relata em vão o que se ausenta. No último fragmento do livro, intitulado “Interrupción”, a voz narrativa determina o fim de uma relação no texto:

Siento que dejar este relato es dejarla, que al no registrar más mis encuentros le estoy negando algo, una continuidad de la que solo yo, en estas visitas, puedo dar fe. Siento que la estoy abandonando. Pero de algún modo ella misma se está abandonando, así que no me siento culpable. Casi (MOLLOY, 2010, p. 76).



A relação se interrompe na escrita. Há um tom de desesperança na voz da narradora e isto se explicita em como ela para de escrever: não há um final porque só lhe resta abandonar a própria memória daquela que está abandonando a si mesma. Relatar os resíduos de um passado compartilhado em um presente dominado pelo esquecimento deixa claro para a voz narrativa que a perda é inevitável e cada vez maior.

Por outro lado, a não clausura do texto mantém em curso a relação com ML. na escrita. A perda da memória coloca em risco a relação e, portanto, a própria existência da narradora ao não ser reconhecida como amiga por ML.. Entretanto, tal ameaça não se cumpre no texto porque possivelmente se interrompe.

### **Agradecimentos**

Agradeço a minha orientadora, Profa. Dra. Adriana Kanzepolsky.

Agradeço a CAPES, financiadora da minha pesquisa de doutorado.

### **Referências bibliográficas**

AGAMBEN, Giorgio. O amigo. In: **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos 2009.

BLANCHOT, Maurice. La amistad. In: **La amistad**. Madrid: Trotta, 1976.

MOLLOY, Sylvia. **Desarticulaciones**. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.

\_\_\_\_\_. La escritura del olvido. Entrevista concedida a Mauro Libertella. **Revista Ñ**, Buenos Aires, 19 out. 2010. Disponível em: <[https://www.clarin.com/rn/literatura/noficcion/escritura-olvido\\_0\\_ry-W\\_qipwml.htm](https://www.clarin.com/rn/literatura/noficcion/escritura-olvido_0_ry-W_qipwml.htm)>. Acesso em: 19 fev. 2018.

